

MANEJO CLÍNICO DA AMAMENTAÇÃO: ONDE O AMOR E A DOR SE CRUZAM

Milena Andrade Maciel¹
Kayth Dayane Vieira da Silva²
Cielly Batista Vieira da Silva³
Ewerton Douglas Soares de Albuquerque⁴
Anne Caroline de Souza⁵
Ocilma Barros de Quental⁶

RESUMO: Introdução: O aleitamento materno é reconhecido como o alimento ideal para o recém-nascido, fornecendo nutrientes e imunidade essenciais. Apesar dos benefícios amplamente documentados, a prática ainda enfrenta desafios, como dor, fissuras mamárias e mastite, que podem comprometer a continuidade da amamentação. Políticas públicas e a atuação da enfermagem são fundamentais para apoiar mães e prevenir complicações. Objetivo: Relatar a experiência pessoal da autora durante o período de amamentação, identificando dificuldades enfrentadas e analisando a atuação da equipe de enfermagem no manejo clínico da lactação. Relato: Durante o pós-parto, a autora vivenciou fissuras, ingurgitamento mamário e episódios de mastite, apesar de adoção de técnicas de pega adequadas. O suporte de enfermeiros, por meio de orientação sobre posicionamento, pega correta e manejo de complicações, foi determinante para a manutenção do aleitamento exclusivo até os seis meses, além de possibilitar a continuidade da amamentação até os dois anos de idade. O relato evidencia o impacto emocional e físico do processo, ressaltando a importância de informações claras e acompanhamento contínuo. Discussão: O sucesso da amamentação depende da combinação de conhecimento técnico, suporte emocional e educação em saúde. Intervenções da enfermagem, como a prevenção de fissuras, correção da pega, orientação sobre dieta materna e incentivo à participação familiar, contribuem para reduzir o desmame precoce e prevenir complicações. A atuação profissional fortalece a confiança materna, desmistifica crenças culturais equivocadas e garante cuidados seguros para mãe e bebê. Conclusão: A experiência evidencia que o aleitamento materno é um processo complexo, marcado por desafios físicos e emocionais. O suporte qualificado da enfermagem, aliado à participação familiar e políticas públicas, é essencial para promover uma amamentação segura, saudável e fortalecedora do vínculo mãe-bebê.

3303

Palavras-chave: Aleitamento materno. Enfermagem. Saúde da Mulher.

¹Discente do Centro Universitário Santa Maria, Cajazeiras, PB.

²Discente do Centro Universitário Santa Maria, Cajazeiras, PB.

³Discente do Centro Universitário Santa Maria, Cajazeiras, PB.

⁴Enfermeiro formado pelo Centro Universitário Santa Maria, Cajazeiras, PB. Docente do Centro Universitário Santa Maria, Cajazeiras, PB.

⁵Docente do Centro Universitário Santa Maria.

⁶Docente do Centro Universitário Santa Maria.

I INTRODUÇÃO

O leite materno é uma substância fundamental para a sobrevivência e o desenvolvimento saudável dos seres humanos ao longo da história. Desde o nascimento, fornece todos os nutrientes essenciais e componentes imunológicos indispensáveis para o crescimento e a proteção do bebê. Produzido pelas mães, esse líquido complexo e singular é reconhecido como o alimento ideal para o lactente (Barros *et al.*, 2021).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde recomendam a amamentação exclusiva até os seis meses de vida e complementada até os dois anos ou mais, com base em extensas pesquisas realizadas em diversos países sobre os benefícios para a saúde da mãe e do bebê. Embora haja consenso quanto às vantagens do aleitamento materno, sua prática ainda permanece abaixo do ideal no Brasil e em outras nações, devido a diversos fatores (Iopp; Massafra; Bortoli, 2023).

Para incentivar o aleitamento materno, surgiu a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC) estabelecida pela Portaria nº 1.130, de 5 de agosto de 2015, com o objetivo de promover e proteger a saúde infantil, com ênfase a amamentação. Essa política abrange o cuidado com a criança desde a gestação até os 9 anos de idade, com ênfase na atenção à primeira infância e às populações mais vulneráveis. Seu objetivo é reduzir a morbimortalidade infantil e garantir um ambiente propício ao desenvolvimento saudável e integral da criança (PNAISC, 2022).

3304

Ademais, é considerado o principal fator na prevenção da mortalidade infantil em nível global, promovendo a saúde física e mental tanto da mãe quanto do bebê. Diante dos benefícios para a criança, a decisão de amamentar está diretamente relacionada à escolha pessoal da mãe. A adoção de práticas de amamentação bem-sucedidas fortalece a intenção materna de oferecer exclusivamente o leite materno por um período mais prolongado, contribuindo para a redução dos índices de mortalidade infantil (Dias *et al.*, 2022).

Dentre as diversas atribuições do enfermeiro na Estratégia Saúde da Família (ESF), o incentivo ao aleitamento materno destaca-se como uma prática essencial. A amamentação nas primeiras horas de vida pode reduzir significativamente a mortalidade neonatal, que ocorre até o 28º dia de vida. No Brasil, a taxa de aleitamento materno na primeira hora após o nascimento é de 62%, um índice superior à média mundial, mas que ainda requer avanços. Nesse contexto, reforça-se a importância da amamentação sob livre demanda e a adesão às diretrizes do

Ministério da Saúde, especialmente à estratégia conhecida como “Hora de Ouro” (Silva *et al.*, 2022). (Nascimento *et al.*, 2022). (Leal *et al.*, 2022).

O pré-natal é uma etapa fundamental para dialogar e orientar as gestantes sobre a amamentação, promovendo estratégias de educação em saúde que incentivam o leite materno exclusivo nos primeiros seis meses de vida. Essas orientações reduzem o risco de desmame precoce e impactam positivamente a saúde do binômio mãe e filho. Essa prática deve ser incorporada de forma rotineira na Atenção Básica durante as consultas de pré-natal, conduzida por enfermeiros e médicos da Estratégia Saúde da Família, fortalecendo o protagonismo da gestante e estimulando a participação ativa das futuras mães nesse processo (Nascimento *et al.*, 2022).

Para muitas mulheres, a amamentação é um processo cercado de dúvidas, dores físicas e emocionais, além de angústias e inseguranças. Enquanto algumas enfrentam dificuldades para alimentar seus filhos nos primeiros dias de vida, outras questionam se devem ou não amamentar. Nesse contexto, o profissional de enfermagem desempenha um papel essencial no apoio e na conscientização das mães, pais e familiares, garantindo informações e suporte para uma experiência mais segura e positiva (Leal *et al.*, 2022).

Entre as dificuldades enfrentadas pelas puérperas durante a amamentação, destacam-se alterações mamárias como fissuras, ingurgitamento, dor, sofrimento das mamas, sangramento, febre e presença de mamilos semi-planos. Para garantir um acompanhamento adequado, o Ministério da Saúde recomenda que uma puérpera seja avaliada na unidade de saúde mais próxima de sua residência entre o 7º e o 10º dia pós-parto, na chamada revisão puerperal precoce, e retorne até o 42º dia para a revisão puerperal tardia, momentos essenciais para a identificação e manejo de alterações mamárias (Santos Júnior *et al.*, 2023).

Nesse contexto, o interesse pela temática do aleitamento materno e pelas dificuldades enfrentadas pelas puérperas surgiu a partir de uma experiência pessoal e do desejo de aprofundar o conhecimento sobre o assunto.

Durante o período gestacional, tive consciência de que a amamentação poderia apresentar desafios, mas foi somente ao vivenciar essa experiência que compreendi suas reais dificuldades. Nos primeiros dias após o parto, enfrentei traumas mamilares, caracterizados por fissuras, rachaduras e vermelhidão nos mamilos, condições comuns nesse início da amamentação. Embora o bebê realizasse uma sucção adequada, a pega não estava completamente correta, o que contribuiu para o surgimento dessas lesões. Em decorrência

dessas dificuldades, acabei desenvolvendo mastite, complicação que intensificou o desconforto e exigiu cuidados específicos para a recuperação e continuidade do aleitamento materno.

Observa-se o impacto significativo que uma pega prejudicial pode causar, assim como a baixa adesão às ações conduzidas pelos enfermeiros para identificar e tratar precocemente problemas que comprometem tanto as mães quanto os recém-nascidos que não recebem amamentação exclusiva.

Este estudo se torna relevante tanto no contexto acadêmico quanto profissional, pois oferece uma fonte enriquecedora para aqueles que buscam aprofundar seus conhecimentos sobre o aleitamento materno. Ao identificar as dificuldades enfrentadas pelas puérperas e analisar as estratégias de prevenção e tratamento, ele contribui para a capacitação no cuidado e orientação adequada às mães e recém-nascidos. Dessa forma, o estudo visa fornecer uma melhor compreensão sobre a importância do cuidado adequado durante a amamentação, minimizando danos e prevenindo doenças relacionadas à amamentação.

2 METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo foi do tipo descritiva, com abordagem qualitativa, realizada a partir de um relato de experiência, que constituiu um tipo de texto que apresentou, de forma detalhada, uma vivência capaz de agregar valor à área de atuação em que se inseriu. Tratou-se da exposição feita por uma autora ou por uma equipe sobre uma situação profissional vivenciada, bem-sucedida ou não, que contribuiu para o debate, o compartilhamento de experiências e a construção de propostas voltadas à qualificação do cuidado em saúde (Universidade Federal de Juiz de Fora), com o objetivo de compartilhar minha vivência pessoal enquanto mãe, período em que enfrentei dificuldades durante a amamentação, a exemplo de dores intensas, fissuras, mastite e outras complicações decorrentes da pega incorreta do bebê.

Na condição de estudante de enfermagem, a partir das vivências obtidas durante o estágio supervisionado I na Rede de Atenção Básica, pude perceber a importância de uma assistência adequada às gestantes e puérperas. Reconheci que muitas mulheres passavam por situações semelhantes às que enfrentei, o que reforçou o interesse em estudar mais profundamente a temática.

Neste trabalho, além de relatar minha experiência pessoal, trouxe uma reflexão embasada na literatura sobre o papel da enfermagem frente às dificuldades relacionadas à amamentação. Abordei, de forma teórica, a importância de intervenções educativas na atenção

básica, que pudessem orientar gestantes e puérperas sobre as técnicas corretas de amamentação e sobre a prevenção de complicações advindas do período.

A vivência relatada aconteceu em 2023, no momento do nascimento do meu primeiro filho.

A partir dessa análise, discutiu-se como a atuação da equipe de enfermagem pôde fortalecer o apoio à mulher nesse período, promovendo o aleitamento materno seguro, a saúde materno-infantil e o fortalecimento do vínculo entre mãe e bebê.

3 RELATO DA EXPERIÊNCIA

A confirmação da gestação ocorreu de forma inesperada, em um momento em que eu me encontrava no segundo período da graduação, ainda sem vivência prática e com conhecimento limitado acerca das implicações e demandas que o processo gestacional envolve. Ao iniciar o acompanhamento pré-natal, surgiram diversas dúvidas, especialmente relacionadas à produção de leite materno. Questionava-me sobre a possibilidade de produzir leite em quantidade suficiente e fui informada de que, após o parto, a lactação se estabeleceria de maneira espontânea e fisiológica. Contudo, observei uma lacuna nas orientações recebidas, particularmente no que tange ao manejo da amamentação, à técnica de pega adequada, às posições facilitadoras do processo e às informações sobre sinais de fome do recém-nascido e possíveis intercorrências.

3307

Durante o período gestacional, enfrentei complicações clínicas como hipertensão arterial, necessidade de uso de metildopa, realização de exames de mapeamento fetal e, nas semanas finais, uma infecção urinária seguida de diagnóstico de pré-eclâmpsia. O parto ocorreu em 06 de fevereiro de 2023, por via cesariana. Ao segurar meu filho pela primeira vez, senti-me insegura quanto à amamentação: não sabia como posicioná-lo corretamente. Apesar do ingurgitamento mamário, acreditava que não havia leite, pois não observava sua saída ao pressionar as mamas, enquanto o bebê chorava de fome. Nesse contexto, a atuação de uma enfermeira foi decisiva. Ela prestou esclarecimentos, auxiliou na posição adequada do bebê, demonstrou a saída do leite e ensinou a técnica correta de pega. Esse suporte profissional foi fundamental para o início bem-sucedido da amamentação.

A partir dessa vivência, compreendi que grande parte das dificuldades enfrentadas estava relacionada à ausência de informações qualificadas e ao manejo inadequado da lactação. A experiência na maternidade proporcionou aprendizados práticos, porém senti carência de

orientações mais abrangentes desde o pré-natal até o puerpério. O processo de amamentação foi permeado por dor e desafios, especialmente nas primeiras semanas, quando surgiram fissuras mamilares, mesmo com a técnica aparentemente correta. Apesar do sofrimento, mantive a amamentação exclusiva até os seis meses de vida do bebê, conforme as diretrizes do Ministério da Saúde. Enfrentei também pressões externas de familiares e amigos que sugeriam a introdução precoce de líquidos e alimentos. Como estudante da área da saúde, busquei respaldo científico para seguir as recomendações oficiais com segurança.

Aos oito meses de idade do meu filho, vivenciei meu primeiro episódio de mastite, condição até então desconhecida por mim. Diante de sintomas como febre alta, mialgia, hiperemia, calor local e endurecimento mamário, procurei atendimento médico e recebi o diagnóstico. Fui orientada quanto ao tratamento, que incluiu uso de compressas, ordenha parcial e antibióticos. Mantive a amamentação durante o tratamento e, ao completar um ano, meu filho apresentou novo episódio de mastite, menos intenso, que consegui identificar precocemente e manejar de forma eficaz.

Apesar das adversidades, das noites mal dormidas, da dor física e da insegurança emocional, em nenhum momento cogitei interromper o processo de amamentação. O vínculo estabelecido por meio dessa prática superou todas as dificuldades. Para mim, amamentar transcende o ato de nutrir: é uma expressão de afeto, fortalecimento de vínculos e vivência de momentos singulares entre mãe e filho. Atualmente, com dois anos de idade, meu filho continua sendo amamentado, respeitando o tempo recomendado para o encerramento natural desse ciclo.

3308

Essa trajetória pessoal permite refletir criticamente sobre a relevância de orientações claras, acessíveis e contínuas durante o pré-natal e o puerpério, com vistas a proporcionar segurança e acolhimento às mães. A ausência de visitas puerperais e de acompanhamento longitudinal contribuiu para o agravamento de angústias e o surgimento de complicações evitáveis. A amamentação, embora desafiadora, deve ser compreendida como um processo de cuidado integral, que pode ser significativamente facilitado quando há suporte técnico, emocional e educativo por parte dos profissionais de saúde.

4 DISCUSSÃO

Atualmente, observa-se um desconhecimento significativo acerca das múltiplas dimensões que envolvem o aleitamento materno, especialmente no que se refere à importância da amamentação exclusiva. Embora a disseminação de informações não seja, por si só, suficiente

para promover mudanças comportamentais, ela constitui um elemento essencial na transformação de atitudes. Nesse contexto, a orientação qualificada oferecida pela equipe de enfermagem torna-se imprescindível para a prevenção de complicações, uma vez que o entendimento dos benefícios da amamentação exclusiva e dos riscos associados à introdução precoce de outros alimentos contribui diretamente para evitar intercorrências como diarreia, infecções e desmame precoce (Moraes; Esteves, 2022).

Diversos fatores influenciam negativamente o processo de amamentação, sendo um dos mais recorrentes a crença equivocada de que o leite materno é fraco. Quando não há intervenção profissional para desconstruir esse mito, a consequência pode ser o desmame precoce e a exposição do lactente a doenças evitáveis. Muitas mães relatam insegurança quanto à suficiência do leite, apesar de sua composição atender integralmente às necessidades nutricionais e hídricas do bebê. A atuação da enfermagem, nesse cenário, é essencial para garantir segurança à nutriz e prevenir falhas no processo de amamentação (Ferreira et al., 2020).

Outro aspecto que demanda atenção é a associação indevida entre choro e fome. A crença de que todo choro indica necessidade alimentar pode levar à introdução precoce de fórmulas ou líquidos desnecessários. No entanto, o choro pode estar relacionado a fatores como dor, desconforto ou necessidade de afeto. A equipe de enfermagem, ao orientar adequadamente os cuidadores, contribui para evitar práticas que comprometem a amamentação e aumentam o risco de adoecimento do lactente (Lisboa et al., 2022).

3309

De forma semelhante, a ideia de que bebês saudáveis devem apresentar ganho ponderal elevado reforça comparações e pressões familiares que incentivam o uso de fórmulas infantis sem indicação clínica. Tal prática pode acarretar riscos como alergias e infecções. O cuidado profissional, nesse caso, deve estar voltado ao fortalecimento da confiança materna e à desconstrução de mitos que fragilizam o aleitamento (Salveti et al., 2021).

O apoio familiar, com destaque para o envolvimento paterno, também se revela determinante. Quando o pai manifesta sentimentos de exclusão ou rejeição, a mãe pode perder o suporte necessário para manter a amamentação, favorecendo o desmame precoce. A escuta ativa, o acolhimento e o estímulo à participação da família são estratégias que minimizam impactos emocionais e fortalecem a prática do aleitamento materno (Anjos; Almeida; Picanço, 2022).

As crenças culturais relacionadas à alimentação da nutriz influenciam diretamente o processo de amamentação. O incentivo ao consumo de determinados alimentos sem respaldo

científico pode gerar riscos, como o uso precoce do leite de vaca, potencialmente causador de alergias. A atuação da enfermagem é fundamental para orientar a dieta materna de forma segura, prevenindo condutas que possam comprometer a saúde da mãe e do bebê (Palheta; Aguiar, 2021; Carneiro et al., 2022).

Outro cuidado relevante refere-se à prevenção da introdução precoce de líquidos como água e chás, prática baseada na crença de que o leite materno não sacia a sede do bebê. Essa conduta, além de desnecessária, expõe o lactente a riscos de diarreia e infecções, comprometendo o aleitamento exclusivo. A informação precisa e o aconselhamento profissional são medidas eficazes para evitar tais complicações (Nazaré et al., 2021).

Durante o processo de amamentação, intercorrências como ingurgitamento mamário e fissuras nos mamilos podem surgir em decorrência de técnica inadequada de pega ou posicionamento. A intervenção precoce da equipe de enfermagem, por meio da observação e correção das falhas, é essencial para prevenir dor, inflamações e até mesmo mastite, evitando o abandono da amamentação (Moraes; Esteves, 2022).

As técnicas corretas de pega e posicionamento, como o alinhamento da cabeça e coluna do bebê, a abertura ampla da boca cobrindo a aréola e o contato “barriga com barriga”, são práticas que reduzem complicações e tornam a amamentação mais eficaz e prazerosa. A orientação da equipe de enfermagem nesse aspecto contribui para evitar fissuras, má sucção e perda de peso do lactente (Lisboa et al., 2022; Ferreira et al., 2020).

A prevenção da chamada “confusão de bicos” também constitui um cuidado essencial. O uso de mamadeiras e chupetas pode comprometer a sucção no seio, reduzir a produção de leite e aumentar o risco de desmame. O aconselhamento adequado por parte dos profissionais de enfermagem é decisivo para evitar essas práticas e preservar a saúde do bebê (Anjos; Almeida; Picanço, 2022).

Complicações como a mastite podem ser prevenidas com orientações adequadas. Trata-se de uma inflamação dolorosa decorrente do acúmulo de leite, que pode evoluir para infecção. O esvaziamento correto das mamas e o manejo precoce são cuidados que minimizam danos e evitam agravamentos, sendo a atuação da enfermagem fundamental nesse processo (Palheta; Aguiar, 2021).

Diante dos múltiplos desafios que envolvem o aleitamento materno, destaca-se o papel estratégico da equipe de enfermagem. A educação desde o pré-natal, a escuta qualificada e a observação prática da mamada são intervenções que previnem falhas técnicas, fortalecem a

confiança da mãe e reduzem os riscos de desmame precoce. A adoção de práticas humanizadas e precoces tem demonstrado resultados positivos na manutenção do aleitamento exclusivo, promovendo saúde integral para mãe e bebê (Carneiro et al., 2022; Salvetti et al., 2021).

5 CONCLUSÃO

A experiência relatada evidencia que o processo de amamentação, embora naturalmente benéfico, envolve desafios físicos, emocionais e sociais significativos para a mãe. Fissuras, ingurgitamento mamário e mastite, comuns nas primeiras semanas, podem comprometer a continuidade do aleitamento exclusivo, sobretudo na ausência de orientação adequada. O relato pessoal demonstra que o suporte profissional, especialmente da equipe de enfermagem, é determinante para a superação dessas dificuldades, promovendo não apenas a técnica correta de pega e posicionamento, mas também o acolhimento emocional e a segurança materna.

A atuação do enfermeiro, desde o pré-natal até o puerpério, revela-se essencial para orientar, prevenir complicações e fortalecer a confiança das mães, contribuindo para a manutenção do aleitamento materno exclusivo e para a saúde integral do binômio mãe-bebê. Além disso, o envolvimento da família e a desconstrução de mitos culturais ampliam a eficácia das práticas educativas, prevenindo o desmame precoce e possíveis intercorrências.

3311

Portanto, este estudo reforça que a amamentação deve ser compreendida como um processo complexo, que combina conhecimento técnico, apoio emocional e orientação contínua. Experiências como a relatada evidenciam que políticas públicas, estratégias de educação em saúde e práticas humanizadas da enfermagem são fundamentais para garantir que mães e filhos vivenciem um aleitamento seguro, saudável e fortalecedor do vínculo afetivo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Viviane Garcia da Silva; MOTA, Maria Carliana; PAGLIARI, Carla. Características sociodemográficas relacionadas ao conhecimento dos benefícios do aleitamento materno. *Revista Paulista de Pediatria*, v. 39, p. e2020101, 2021.

ANJOS, Cristiane Rodrigues; DE ALMEIDA, Carolina Souza; PICANÇO, Carina Marinho. Percepção das enfermeiras sobre o aleitamento materno no puerpério imediato. *Revista Baiana de Enfermagem*, v. 36, 2022.

BARROS, Jessica Amanda de Souza Ferreira et al. ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO PRÉ-NATAL. *RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218*, v. 1, n. 1, p. e211976-e211976, 2021.

BRAGA, Milayde Serra; DA SILVA GONÇALVES, Monique; AUGUSTO, Carolina Rocha. Os benefícios do aleitamento materno para o desenvolvimento infantil. *Brazilian journal of development*, v. 6, n. 9, p. 70250-70261, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC). Portaria nº 1.130, de 5 de agosto de 2015. Brasília, 2015. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-aaz/s/saude-da-crianca> . Acesso em: 1 mar. 2025.

CARNEIRO, Ana Beatriz Farias et al. A importância do pré-natal na prevenção de complicações durante a gestação. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde-ReBIS*, v. 4, n. 4, 2022.

CARVALHO, Layse Mayra Nunes; DE PASSOS, Sandra Godoi. Os benefícios do aleitamento materno para a saúde da criança: revisão integrativa. *Revista Coleta Científica*, v. 5, n. 9, p. 70-87, 2021.

DIAS, Ernandes Gonçalves et al. Aleitamento materno na perspectiva de lactantes de uma unidade de saúde da família/Breastfeeding from the perspective of nursing mothers at a family health unit. *Journal of Nursing and Health*, v. 12, n. 1, 2022.

FERREIRA, Thamires et al. PROMOÇÃO DO ALEITAMENTO MATERNO E MANEJO DE COMPLICAÇÕES MAMÁRIAS. *Revista Remecs-Revista Multidisciplinar de Estudos Científicos em Saúde*, p. 222-222, 2020.

IOPP, Patrícia Hoffmann; MASSAFERA, Gisele Iopp; BORTOLI, Cleunir de Fátima Candido De. A atuação do enfermeiro na promoção, incentivo e manejo do aleitamento materno. *Enferm Foco*, v. 14, p. -, 2023.

LEAL, Isabelle DE OLIVEIRA, et al. Ingurgitamento mamário em puérperas com recém-nascidos na UTI neonatal: contribuições para a Enfermagem. *Research, Society and Development*, 2022, 11.4: e35811427489-e35811427489.

LISBOA, Monique et al. Aleitamento Materno: Dificuldades e Complicações que Podem Levar ao Desmame Precoces. *Epitaya E-books*, v. 1, n. 9, p. 225-238, 2022.

MORAES, Maria Paula Caliar; ESTEVES, Andreia Majella da Silva Duarte. A importância do enfermeiro na abordagem de práticas de autocuidado de complicações que interferem no aleitamento materno. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 9, p. e0911931496-e0911931496, 2022.

MORAES, Suellen Rocha et al. Os benefícios do aleitamento materno em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal: uma revisão de literatura. *Revista Pró-univerSUS*, v. 13, n. 1, p. 95-102, 2022.

NASCIMENTO, Laura Catarine Da Costa et al. A importância das políticas públicas de incentivo ao aleitamento materno exclusivo em lactentes na Atenção Básica: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 11, p. e8311133272-e8311133272, 2022.

NAZARÉ, KELVIN ALVES et al. Principais complicações funcionais e emocionais vivenciadas pelos portadores de fissuras orais não sindrômicas. *Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research–BJSCR*, v. 35, n. 1, p. 121-125, 2021.

PALHETA, Quezia Aline Ferreira; AGUIAR, Maria de Fatima Rodrigues. Importância da assistência de enfermagem para a promoção do aleitamento materno. *Revista Eletrônica Acervo Enfermagem*, v. 8, p. e5926-e5926, 2021.

SALVETTI, Marina de Góes et al. Características de gestantes de risco e relação com tipo de parto e complicações. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 74, p. e20200319, 2021.

SANTOS JÚNIOR, Edson Batista, et al. Dificuldades na amamentação enfrentadas por puérperas primíparas. *New Trends in Qualitative Research*, 2023, 18: e817-e817.

SANTOS, Ian Xavier Paschoeto et al. Benefícios do aleitamento materno exclusivo durante os primeiros meses de vida do recém-nascido. *Revista Paulista de Pediatria*, v. 39, p. e2020101, 2022.

SILVA, Jéssica Iohanna da et al. Intervenções eficazes para tratamento de trauma mamilar decorrente da amamentação: revisão sistemática. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 35, p. eAPE01367, 2022.

SOUSA, Francisco Lucas Leandro et al. Benefícios do aleitamento materno para a mulher e o recém nascido. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 2, p. e12710211208-e12710211208, 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. *Instrutivo para elaboração de relato de experiência: estágio em Nutrição em Saúde Coletiva*. Governador Valadares: Instituto de Ciências da Vida, Departamento de Nutrição. Disponível em: <file:///D:/Downloads/Orienta%C3%A7%C3%B5es-Elabora%C3%A7%C3%A3o-de-Relato-de-Experi%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 13 maio 2025. 3313